

A análise, sua produção e a transmissão, a partir do Covid-19¹

Por Cecília Bach

enodar de outra maneira as novas pulsações do Real em nossa sociedade e, a partir disso, repensarmos os fundamentos da psicanálise
Ricardo Landeira, setembro 2000.

Isto é colocado por Ricardo Landeira faz 20 anos, em um trabalho apresentado em Porto Alegre, e sua letra ressoa em mim com total atualidade. Ele nos fala de poder pensar juntos, as possíveis formas de produzir Psicanálise e dirigir uma cura. Atualmente, através de diferentes dispositivos, seja vídeo-chamadas, e-mails, chats, textos escritos, conversas via e-mail, entre outros que suporte a virtualidade e mantenha o isolamento social. Poder produzir enquanto nos toca a letra do outro e, sobretudo, nos interroga a *irrupção do Real* vivida por todos desde faz mais de um mês.

Destaco, então, nisso que Ricardo chama, no mesmo trabalho: *fazer escola*, o fazer com a letra do outro, analista, e produzir psicanálise. Esta irrupção nos encontrou e nos pôs a produzir desde então.

Alvaro Tulaniche coloca em seu trabalho intitulado: *Psicoanálisis en tiempos de voz computadorizada y mirada digitalizada*², várias perguntas, mas vou tomar as que ficaram ressoando em mim:

Que trocas propõem essa situação para a psicanálise e a técnica psicanalítica?

É efetiva, é suficiente para a psicanálise?

Um outro-computador é um outro? Por que deveríamos dar-lhe esse lugar?

Para a primeira pergunta, insiste-me a palavra: reinventar-se. Por que nos analistas do ano 2020 seguimos sustentando uma forma de trabalho criada faz mais de 100 anos? Imaginem as trocas de Freud com seus colegas, com aqueles com os que começou a produzir Psicanálise, seus correios demoravam meses em chegar ao destino e muitos de seu intercâmbio e produção psicanalítica era em papel, via correio. Correspondências que podiam demorar meses em chegar ao destino. Imaginem as viagens que tomavam dias para que Freud chegasse a uma conferência, ou enviando carta a um colega com alguma questão.

Hoje, basta escrevermos por algum chat e chamarmos por algum dispositivo tecnológico. Ou viajar em avião (quando se pode) e estar em umas horas em nosso destino.

Por que nossa realidade atual nos põe, em primeiro plano, ferramentas que já estavam em nossas mãos faz tempo? Estaremos arraigados às velhas ferramentas, como formas únicas de realizar nosso trabalho?

Evidentemente, algo das ferramentas que nos transmitiu Freud seguem sendo efetivas, assim como as de Lacan, mas efetivas em tanto era outra realidade da que estamos

¹ Publicado na página Web da RLP de 09/06/2020. Red Lacaniana de Psicoanálisis - RLP publicaciones@redlacaniana.com.uy. Traduzido ao português por Maria da Glória S. Telles da Silva.

² Em página Web da RLP de 29/05/2020. Red Lacaniana de Psicoanálisis - RLP publicaciones@redlacaniana.com.uy Também publicado na página WEB da BSFreud: www.bsfreud.com

vivendo. Essas ferramentas foram inventadas e criadas em outros idiomas, outra cultura, e outro tempo histórico, com outros avatares... com outro Real pulsionando.

Varias vezes tenho-me perguntado o seguinte:

Como fazia Freud para sustentar as análises que dirigia e sua produção em situações de guerra que viveu? Verônica Molina nos narra um breve e triste fragmento daquela época de Freud em seu texto *En red-lación al texto de Ricardo Landeira y la irrupción*.

Freud não descansou até o fim de sua vida, já muito doente, impossibilitado e perseguido pelos nazistas, seguia produzindo, pensando e trocando com outros da maneira que ia podendo e na maneira que sua época permitia.

Por que não pensar que a própria Psicanálise é uma invenção que vem dar resposta a um Real que irrompia nessa época?

Continuo pensando as perguntas do colega e me surgem questões. O quê é suficiente para uma análise? O analista é suficiente? O divã? O encontro físico/carnal com o outro? Lacan nos fala da não relação sexual, e acredito que desde esse lugar podemos pensar que não, esse outro não é suficiente, por sorte!

Ainda que seja necessário. Esse outro, analista, que sustenta a escuta do mal-estar do outro, é muito necessário e mais nestes tempos de irrupção e angústia.

‘Efetiva’ é outra palavra que me custa pensar em Psicanálise. Efetiva enquanto efeito? Ou enquanto resultado? E acredito que isto se descobrirá em outro tempo, e o poderá dizer o analisado. Mas, por que não seria efetiva? Se o analista escuta o que diz o analisado, e procura um ato analítico. Temos falado de que algo fica ‘por fora’...Será assim? Não é assim sempre?

Dar-lhe corpo de ‘outro’ à ferramenta computador, me fez pensar em quê corpo lhe damos ao divã, enquanto veiculo da palavra, assim como a vídeo-chamada que vemos desde nosso computador ou celular. Então, mais que outro, diria não semelhante, o computador tem lugar de objeto? Que tipo de objeto? Algumas das ferramentas com as que trabalhamos tem lugar de outro? Que é esse outro?

Vou-lhes contar uma anedota pessoal que retornou na memória nestes tempos de nos repensarmos, enquanto analistas.

Os primeiros anos de minha análise transcorreram em um lugar da casa de meu analista, seu living em um pequeno apartamento. Quando nos últimos anos de análise, meu analista muda seu consultório a outra parte da casa, e essa casa deixa de ser um lugar para ser consultório, me dou conta do lugar de onde havia transcorrido minha análise. Jamais havia me perguntado, mas me atendia no living?

Um outro dia, quando o divã quebrou e, em conserto, tive que me sentar em duas poltronas, oficiando de divã.

E minha análise seguiu, porque pouco importava onde estava instalado o divã no qual eu deitava, ou as duas poltronas que durante um tempo oficiaram de divã, se não o que sustentava este espaço, era o que acontecia entre meu analista e eu.

E muitas vezes, o que acontecia entre meu analista e eu, não estava situado no espaço físico do consultório.

Isto me fez pensar no que, muitas vezes, os pacientes trazem, de outros trânsitos terapêuticos ou analíticos com outros colegas, que não se sentiram cómodos, que responsabilizaram ao lugar físico.

Pacientes que dizem que o consultório é acolhedor, lindo, cómodo, familiar, e outros adjetivos que descrevem o lugar físico, em quanto lugar que só tem que ver com o fantasma do analisado, enquanto que eles têm para dizer desse espaço. Assim como outros

pacientes podem sentir o consultório como algo terrível, feio, com mau cheiro. Por mais que nós, os analistas, conservem o bom uso do que nos foi ensinado de como deve ser o consultório, de onde pôr o divã, nossa poltrona, a biblioteca, e que quadros pendurar. Nos ensinaram a funcionar com essa forma desde esse chamado enquadre. Que, na realidade, nos toca viver, estamos obrigados a repensá-lo, já que está sendo quase impossível de sustentá-lo em tempos de distanciamento social.

Quantas análises dos famosos conhecidos (para nomear de alguma maneira) transcorreram sem a necessidade de um divã e um consultório?

Aquilo que comentou Luisa Bertolino, a primeira análise, a epistolar, a auto-análise de Freud. A mesma transcorreu basicamente através de cartas, essas que não chegavam em segundos, como agora. Ou como o que comenta Ricardo: Freud, Jung e Ferenczi embarcados via um congresso analisando-se os sonhos.

Lacan e a análise de Rosine Lefort são outro exemplo onde as ferramentas e o enquadre que os ensinaram, não fazem nem garantem a análise. As análises que Rosine dirigiu, tampouco foram no consultório divã, ainda que, sim, pondo seu corpo, o orgânico.

Que é uma análise, então? Lacan nos dizia: *uma análise é uma cura que se espera de um analista*. Como diz Ricardo, *que de um analista se espera que saiba ir lendo, se o que dirige é uma análise...sabendo o que faz ou diz, o analista tem que escutar no analisante o quê foi que se produziu*. Portanto, quem vai a dar conta de que se o que aí aconteceu foi uma análise será o analisante. Não o analista, nem a ferramenta que utiliza para sustentar a direção da cura.

Tenho escutado colegas perguntar-se pelo que fica por fora, ao se utilizar a vídeo-chamada. O quê fica por fora de uma análise por vídeo-chamada? No consultório, fica tudo “dentro”? O consultório físico (porque agora existe o virtual, pelo menos para mim) se traz tudo o que se tem que trazer? Nada fica fora? Nada se recorta? Ou será que o que tem que aparecer no espaço de consulta insiste e aparece?

Colocar a validade de trabalhar com esta nova ferramenta a partir da velha gera obstáculos, porque a realidade é que ambas podem ser muito boas para sustentar uma análise e válidas para sustentar o desejo de escutar.

O sintoma insiste, e aquilo que o analista não pode escutar, vai aparecer pela mesma via ou por outra, porque insiste, porque a lógica da repetição a escutamos diariamente. As formações do inconsciente não podem se produzir no consultório *online*? Por que não podemos pensar que aquilo que surgiria por uma via no encontro do consultório físico, pode aparecer, talvez, por outra via no encontro *online*? E aqui tomo a pergunta que fez Álvaro: *De quanto disso se serve disso o analista para o tratamento?* Talvez dependa do analista e a cura que dirige, não da ferramenta que utiliza.

Quanto pode trazer um gesto em um momento determinado, quanto um olhar desviado a tempo marca algum aspecto, quanto influi no analisante deitado no divã sentir os movimentos do analista na poltrona atrás dele, quanto influi a penumbra do consultório, os quadros na parede, a comodidade do divã, se pergunta Álvaro.

Evidentemente acredito que esta nova ferramenta nos interroga enquanto formados em uma Escola de divã, de fato, nossa própria análise transcorreu em um divã. Nos interroga a ponto de questionarmos sobre nosso olhar, e nossa forma de escutar, assim como de intervir. Mas talvez, não só haja uma, e a via *online* possa começar a ser uma alternativa válida, mas não única.

Trabalhando com um adolescente que consulta por suas dificuldades para vincular-se com outros pares e o reiterado *bullying* que lhe fazem (como ele o chama), na primeira

sessão *online* que temos, aparece um elemento: um quadro, atrás dele, de dois jovens de costas, de mãos dadas, com seus corpos formando a figura de um coração. Pude dar-lhe leitura e, a partir desse objeto que ele serviu para mim, trabalhamos.

Acredito que ambas modalidades não são totalmente abrangentes. Que seria de nós se abarcássemos o todo? Então, acredito, que o que insiste é o que temos de escutar, e vai a insistir da maneira que possa ser escutado.

Alvaro faz um excelente paralelismo entre a psicanálise e a música, lidos ambos como arte. E fala-nos do acústico, enquanto o encontro no consultório físico, e o elétrico, o encontro no consultório via *online*. Os músicos, que não é meu caso, supondo que achem válidos ambos enquanto música e arte, mas preferem um ante o outro. E diz o dito popular: *sobre gostos não se discute*³. Então, a questão do consultório *online* como ferramenta que funciona, não terá que ver com a posição do analista a respeito da ferramenta, assim como o músico escolhe em um momento o acústico por seus efeitos ou o elétrico?

Darei lugar a algumas perguntas que me tem surgido neste tempo de onde tenho tido que modificar meu consultório, a consulta e as ferramentas de trabalho. Interrogar-nos sobre a ferramenta *online*, não é novidade, mas se realça e relança devido a que agora os que querem sustentar a clínica, têm que pensar detidamente a ferramenta e debatê-la com os analistas.

Sobre a presença do analista também tem sido outra questão, se tem escutado a sessão presencial ou *online*. A meu entender, mal chamado sessão presencial, porque o analista não põe seu corpo e presença na consulta *online*? Então, por que uma é presencial e a outra parece que não? Limitamos de forma errada, creio, ao dizer que só pomos o corpo quando estamos no consultório físico. Como se as palavras que escutamos de nossos pacientes não tivessem efeito em nós ou nosso corpo quando escutamos no consultório *online*.

Se na consulta *online* não há presença do analista, nem corpo, então, o que há? Quando Freud mantinha suas comunicações por correio escrito, onde podemos pensar que aí se produziu sua análise, assim como a produção psicanalítica, Freud não punha o corpo nesses intercâmbios?

A presença do analista não está submetida à escuta e a transferência entre paciente e analista?

Lembro de um fato curioso que conta Ricardo no trabalho com um jovem psicótico: a consulta ocorria caminhando na rua, e de repente o jovem vê seu Real orgânico, cérebro, na calçada e lhe avisa para não pisar. O trabalho com psicóticos é um exemplo de que o consultório físico não é o único lugar válido para poder sustentar uma análise, mas talvez sim, a presença física do analista. Os pacientes profundamente deprimidos, que temos de atendê-los diretamente em sua casa, isso que também apareceu nos questionamentos da consulta *online*, o privado do lugar. O trabalho com crianças que muitas vezes nos encontra com nosso corpo (físico), jogados ao chão, jogando com essa criança. E estas três diferentes situações fazem perguntar-me se, a análise *online* é válida ou possível em todos os casos. E aqui, apelar ao máximo da criatividade para poder sustentar nosso desejo.

Por outra parte, pacientes que escolhem e põem em palavras querer seguir vindo ao consultório físico, aqui cabe escutar porquê esse paciente se vale de vir até o consultório físico e talvez adoecer. Uma jovem grávida me pediu continuar com o encontro no

³ Traduzi aqui o ditado tal como é conhecido em português.

consultório físico, isso me levou a pensar na sustentação da gravidez e do risco que queria assumir ao vir de ônibus até o consultório, lugar que, além disso, é freqüentado por outros.

Definitivamente, a irrupção do Real está nos dando elementos para trabalhar, elaborar e produzir, só se estamos em posição de fazê-lo e com a escuta posta neste lugar.

Tomo algumas questões que formulou Luisa Bertolino para poder produzir algo e só algo...

O que há das questões técnicas, que produzem *delay* ou desconexões, que não conhecemos no consultório?

O meio *online* traz suas dificuldades técnicas, as flutuações de internet, os microfones e áudio-fones das ferramentas eletrônicas, os outros membros da família aparecendo ou não, em ambos os lados. E as múltiplas interrupções ou inconveniências que podem aparecer trabalhando *online*. Interrupções que também aparecem no consultório físico: que toca o telefone e entre uma chamada ao consultório, que batam na porta, que o som da rua apareça no consultório. Faz uns anos, a meia quadra de meu consultório, um rapaz tocava gaita na rua todas as sextas-feiras, na mesma hora, e esse som entrava em meu consultório sem eu querer ou poder fazer algo mais que fechar a janela, mas o som ainda assim entrava. Irrupção do Real? Que tinha efeitos no paciente que vinha a este horário. Porque, de fato, eu não havia escutado, mas sim, meu paciente.

Escutava um infectologista comentar que o vírus “nos vai acompanhar” por mais de um ano, com a incerteza de seus efeitos em cada pessoa contagiada, alguns assintomáticos, outros fortemente sintomáticos e alguns podendo até morrer. Isto nos coloca em um lugar de produzir uma nova forma de encontro, que não ponha em risco nosso corpo, nem o do outro, ou, do contrário, não se poderá sustentar uma análise por mais de um ano.

Será que esta ferramenta tecnológica (já usada por alguns analistas) vem inaugurar uma nova forma de trabalho e de produção da psicanálise? Forma que atravessa as trocas entre colegas, os controles via *online*, os seminários ditados para outros em outros países, conversas via e-mail ou tele-chamadas e a curas que dirigimos. Temos a responsabilidade de estudar, trocar, produzir esta nova forma de trabalhar e atualizar a psicanálise em nossa época.

Abril 2020

Tradução de

Maria da Glória S. Telles da Silva